




Educação como processo de formação humana e suas raízes não utilitárias: paideia, humanitas e Bildung.

Vicente Zatti

Instituto Federal do Rio Grande do Sul
vicente.zatti@canoas.ifrs.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-0544-8472>

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Pós-doutorado no departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da USP. Professor de Filosofia e Filosofia da Educação no Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Câmpus Canoas.

Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio

Universidade de São Paulo

hipias@usp.br

 <https://orcid.org/0000-0003-4166-9942>

Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Professor de Filosofia da educação na Faculdade de Educação da USP e no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da USP. Líder do grupo de pesquisa Paideuma: grupo de estudos clássicos da FEUSP.

Resumen - Resumo - Abstract

A partir da modernidade o conhecimento é valorizado em função de sua utilidade, a ponto da educação desde então se distanciar do caráter desinteressado da formação clássica. Atualmente, prepondera uma compreensão na qual o útil está vinculado estritamente à questão econômica, gerando

A partir de la modernidad, el conocimiento se valora según su utilidad, tanto que la educación se ha distanciado desde entonces del carácter desinteresado de la formación clásica. Actualmente, prevalece el entendimiento de que lo útil está estrictamente ligado a la cuestión económica, generando como resultado lo que

Since the beginning of modernity, the value of knowledge has been based on its utility, so much so that education has therefore distanced itself from its disinterested character in terms of a classical education. Today, the comprehension that what is useful is strictly related to the economic question preponderates, producing in

como desdobramento o que denominamos utilitarismo em educação. Tal contexto renega a tradição literária filosófico-pedagógica ocidental, pois nela, a educação é compreendida como processo de formação humana, desse modo, não pode ser reduzida a um fazer técnico e nem à capacitação para desenvolver certas habilidades utilitárias. A tradição a que nos referimos é composta por três grandes modelos educacionais, a paideia grega, a humanitas latina e a Bildung alemã. Realizamos neste artigo uma revisão teórica das ideias centrais de cada um desses modelos e tematizamos o modo como apresentam a educação enquanto processo de formação integral do ser humano. Há em comum entre eles a ideia de que a grande finalidade da educação é desenvolver o mais perfectivamente possível a humanidade no homem, sua meta é o humano tomado como fim em si mesmo, portanto, constituem um chão fecundo para a crítica ao utilitarismo que avança sobre a educação contemporânea.

llamamos utilitarismo en la educación. Tal contexto niega la tradición literaria filosófico-pedagógica occidental, pues en ella la educación se entiende como un proceso de formación humana, por lo tanto, no puede reducirse a una actividad técnica ni a la capacitación para desarrollar determinadas habilidades utilitarias. La tradición a la que nos referimos está compuesta por tres grandes modelos educativos, el griego Paideia, el latino Humanitas y el alemán Bildung. En este artículo realizamos una revisión teórica de las ideas centrales de cada uno de esos modelos y discutimos la forma como se presenta la educación como un proceso de formación integral del ser humano. Los modelos tienen en común la idea de que el gran propósito de la educación es desarrollar lo más perfectivamente posible la humanidad en el hombre, su meta es lo humano tomado como un fin en sí mismo, por lo tanto, constituyen un terreno fecundo para la crítica al utilitarismo avanzado sobre la educación contemporánea.

turn what we call utilitarianism in education. Such a context disclaims the western philosophical-pedagogic literary tradition, because within this tradition, education is comprehended as a process of human furtherance and development and it therefore cannot be reduced to technical practicalities, neither to the capacity of developing certain utilitarian abilities. The tradition referred to here is made up of three great educational models, the Greek Paideia, the Latin Humanitas and the German Bildung. In this article, a theoretical revision is made of the ideas central to each of these educational models and the models are thematized in terms of how education is presented in relation to the complete process of human furtherance and development. One central idea is common among them all, being that the grand finality of education is to develop in as perfect a way as possible humanity within mankind, its goal being humankind taken as an end in itself, therefore constituting fertile ground for the criticism of the advance of utilitarianism in contemporary education.

Palavras-chave: Formação humana. Paideia. Humanitas. Bildung. Utilitarismo em educação.

Palabras Clave: Formación humana. Paideia. Humanitas. Bildung. Utilitarismo en la educación.

Keywords: Human furtherance and development. Paideia. Humanitas. Bildung. Utilitarianism in education.

Recibido: 09/03/2021

Aceptado: 28/06/2021

Para citar este artículo:

Zatti, V &, Pagotto-Euzebio, M. (2021). Educação como processo de formação humana e suas raízes não utilitárias: paideia, humanitas e Bildung. *Ixtli. Revista Latinoamericana de Filosofia de la Educación*. 8(16). 193-215.

Educação como processo de formação humana e suas raízes não utilitárias: paideia, humanitas e Bildung.

Introdução

Desde a modernidade a educação é marcada pela premissa de que os saberes ensinados na escola devem ter utilidade na vida concreta. As vozes modernas que se ergueram nessa direção vão desde Francis Bacon (1561-1626), para quem os saberes deveriam ser aplicados à indústria e serem utilizados para transformar as condições concretas de vida, ou seja, o conhecimento representa um meio de poder sobre a natureza, até os enciclopedistas como Diderot (1713-1784) e D'Alembert (1717-1783), os quais defendiam a aprendizagem de conhecimentos que fossem úteis para a sociedade, em oposição ao caráter erudito da escolástica. Nesse contexto de Revolução Industrial, Revolução Francesa e Iluminismo, a educação nutre-se do “espírito burguês” e se torna mais utilitária e científica, uma estratégia para a realização das promessas do progresso fundado no poder da razão. Os sistemas educacionais que se implantam a partir de então se distanciam da formação clássica, de cunho mais geral e desinteressado, para afirmar a relação entre poder e conhecimento, de modo que a educação escolar passa a ser pensada principalmente em função daquilo que o aluno vai fazer com os conhecimentos.

Essa herança moderna encontra na contemporaneidade solo fértil; um contexto social e econômico no qual a concorrência, a eficiência, a exigência crescente por produtividade, tornam cada vez mais premente que os saberes sejam úteis. Diante da urgência das necessidades materiais, a educação é considerada em razão da utilidade dos saberes que ensina, desse modo, ganha tons utilitaristas e vê ofuscada sua conotação mais ampla, enquanto processo de formação humana, cujas raízes primeiras remontam à antiguidade clássica. Sobre o contexto atual, visualizamos dois movimentos principais na sociedade que buscam reduzir a educação a algo utilitário: 1º) a compreensão da educação ser um ativo financeiro, com a função de capacitar trabalhadores cada vez mais eficientes, adequados às necessidades crescentes de lucro do mercado financeiro; 2º) a compreensão de que cabe à escola apenas um papel técnico de transmissão de conhecimentos, assim, espera-se que as crianças vão à escola para lá apreenderem conhecimentos úteis, enquanto

nas demais questões mantêm-se alinhadas estritamente à visão privada da família. Esses movimentos se constituem, respectivamente, a partir de interesses econômicos específicos os quais buscam tomar a educação e as próprias pessoas como meios para seus fins, e grupos reacionários, geralmente de conotação moral e religiosa, que negam as intersecções éticas e políticas da educação. Ambos afirmam uma visão restrita de educação em que prevalece apenas um aspecto epistemológico, o científico e funcional, o que nega a significação da educação enquanto processo de formação humana, e desemboca em uma perspectiva utilitarista em educação.

Aqui é preciso fazer a distinção entre utilidade e utilitarismo. O utilitarismo é uma espécie de ideologia do útil, o qual apresenta uma compreensão reduzida do útil àquilo que possui valor econômico. Conforme Lenoir (2016, p. 160-161) os seres humanos buscam que seus atos sejam úteis sob vários aspectos, no entanto, o utilitarismo reduz essa busca à dimensão econômica, reduzindo a realidade a seu valor mercantil. Portanto, não se trata aqui de defender que a educação não deva também ater-se ao útil, mas sim, de defender a ideia de que o utilitarismo estreita a compreensão do útil à esfera econômica, relegando a um segundo plano justamente elementos vitais para a humanidade. Essa tentativa de reduzir a educação aos componentes úteis em sentido econômico põe em questão o papel formativo e crítico da educação, pois, os saberes humanísticos, a arte, a literatura, a filosofia e até mesmo a pesquisa básica, são relegados a um segundo plano ou negados, tendo em vista sua pouca propensão a atender a premência das necessidades utilitárias do sistema econômico.

Por isso o filósofo italiano Nuccio Ordine (2016) na obra *A utilidade do inútil* defende uma acepção mais universal de utilidade que não esteja restrita aos saberes que trazem lucro e, que considere a utilidade daquilo que é tomado como inútil pelo utilitarismo. Não é possível adotar como único critério de importância dos saberes sua utilidade comercial, pois há os que possuem fim em si mesmos, portanto, a ideia de utilidade desses saberes está desvinculada de qualquer fim utilitarista.

Há saberes que têm um fim em si mesmos e que – exatamente graças à natureza gratuita e livre de interesses, distante de qualquer vínculo prático e comercial- podem desempenhar um papel fundamental no cultivo do espírito e no crescimento civil e cultural da humanidade. (Ordine, 2016, p. 9)

Em sua acepção mais universal de utilidade, Ordine considera útil tudo o que ajuda a nos tornar melhores, ou seja, vislumbra o útil tendo como critério o aperfeiçoamento humano, não usos econômicos pontuais, os quais prescindem de um valor em si. Isso traz como consequência para a educação a valorização da formação humana na medida em que esta se desenvolve como um fim em si mesmo e não como meio para alcançar fins. A afirmação da educação como formação humana reacende o valor das humanidades, da literatura, da arte, do pensamento crítico no processo educacional, mas isso não significa o abandono da educação técnica e científica, apenas implica em situá-las dentro de um quadro formativo mais amplo. (Nussbaum, 2015, p. 8). É a visão mais universal de utilidade que permite uma compreensão não reducionista de educação, na qual os “saberes inúteis” tem sua utilidade justificada não por serem meio para algo, mas por serem fim em si mesmos e potencializarem a formação integral do humano.

Portanto, a educação entendida como processo de formação humana é completamente oposta às tendências utilitaristas que buscam reduzir a educação ao domínio de certos conhecimentos úteis em sentido econômico. Mas o que significa compreender a educação como processo de formação humana? Primeiramente, enquanto processo ela não está restrita ao ensino formal, perdura a vida toda. Enquanto formação, não está restrita a transmissão de conhecimentos ou capacitação, implica numa abordagem integral onde os múltiplos aspectos humanos sejam considerados. É formação que se refere à constituição do humano, é processo de humanização pelo qual alguém que nasce em uma condição de inconclusão é inserido linguisticamente em uma tradição cultural e torna-se humano. “Portanto, a formação é processo do devir humano como devir humanizador, mediante o qual o indivíduo natural devém um ser cultural, uma pessoa [...]” (Severino, 2006, p. 621). Na medida em que promove a humanização de alguém que nasce inconcluso, é necessariamente propositiva, sempre supõe um “educar para quê?”. Ainda, a educação entendida como processo de formação humana confunde-se com cultura, o que possui dois sentidos; primeiro, a cultura pode ser entendida como resultado da educação, esta possibilita a elaboração daquilo que não estava de antemão dado na natureza; segundo, a educação é entendida como formação pela cultura, pois enquanto estamos inseridos nela participamos de um universo simbólico o qual nos forma ética, política e esteticamente. Enfim, compreender a educação como processo de formação humana representa compreendê-la essencialmente como um processo desinteressado, embora a capacitação para o domínio de meios úteis seja necessário para a reprodução material da vida, a educação não se reduz a isso, ela é a arte do cultivo do

humano e, a humanização depende de uma série de saberes humanísticos que geralmente não possuem utilidade econômica imediata.

A compreensão da educação como um processo de formação integral do humano é algo enraizado na tradição da literatura filosófico-pedagógica ocidental. Também Severino (2006, p. 621), assim a compreende ao defender que na cultura ocidental a educação sempre foi vista como processo de formação humana e, embora haja transformações ao longo do tempo, de acordo com as peculiaridades históricas, permanece a visão de que educar é formar o humano. As três grandes referências alicerçantes da ideia de educação como processo de formação integral do humano são a *paideia* grega, a *humanitas* latina e a *Bildung* moderna. Essas raízes de nossa tradição filosófico-pedagógica permitem pensar a educação não como um fazer técnico e utilitário, mas como uma arte cuja ótica objetiva um processo desinteressado para formar o que não pode ser tomado como meio, a humanidade do homem.

***Paideia* grega**

O termo grego *paideia* expressa um ideal educativo, cultural, civilizatório de realização do ser humano em função de sua excelência, de seu melhor, em outras palavras, de um ideal de humanidade. Não há uma palavra em língua portuguesa designando satisfatoriamente seu significado, segundo Jaeger (2003, p. 1) devemos compreendê-lo a partir da unidade dos conceitos “civilização, cultura, tradição, literatura ou educação”. Jaeger (2003, p. 7) a utiliza como sinônimo de “formação do homem grego”. Para Marrou (1990, p. 309), *paideia* designa ao mesmo tempo educação e cultura. Sua finalidade é a “formação de um elevado tipo de Homem” (Jaeger, 2003, p. 7), ou seja, busca realizar no homem individual, do modo mais excelente possível, um ideal de humanidade. Conforme Spinelli (2017, p. 11), a *paideia* grega tem sua força germinativa na “idealidade pautada na busca do melhor universalmente considerado”, portanto, significa a educação de acordo com uma imagem, uma forma, uma ideia universal do humano. O universal no homem é o que constitui sua essência, assim, a grande tarefa da educação é buscar desenvolver do modo mais perfectível possível esse ideal universal no homem individual, para que geração após geração a humanidade desenvolva seu melhor. O fato de a *paideia* ter como finalidade o Homem, considerado em sua ideia universal, indica que a essência da educação é a modelagem dos indivíduos pela norma da comunidade (Jaeger, 2003, p. 15), o universal é aquilo comum a todos, que liga uns aos outros e uma geração à outra. Jaeger

(2003, p. 3) apresenta a *paideia* como aquilo que caracteriza o ser humano, é por meio da educação que o homem, e só o homem, consegue conservar e transmitir suas peculiaridades sociais e espirituais, consegue também através dela, progressivamente, elevar suas capacidades a um nível superior, desenvolver geração após geração suas potencialidades humanas. Assim, podemos entender a *paideia* como um ideal de formação geral cujo objetivo é fazer o homem enquanto homem e enquanto cidadão, ou seja, objetiva a formação integral do homem para a vida em comunidade. Se a educação é entendida como formação geral para a realização de um ideal de homem, ela não se restringe a técnicas educativas e nem é pautada por uma visão utilitarista do conhecimento. Aliás, a *paideia* se caracteriza como um ideal educativo desinteressado, ela visa a formação do homem como fim em si mesmo.

Para compreendermos a educação grega nessa sua característica de formar em vista do melhor idealmente considerado, precisamos olhar para um conceito anterior à *paideia* o qual é importante na sua configuração, a *areté*. O termo *paideia* surge no século V a.C. significando “criação de meninos” e nos séculos posteriores adquire o sentido elevado como exposto no parágrafo anterior. Já a *areté* remonta a tempos mais antigos, o termo mais próximo em língua portuguesa para traduzi-lo é “virtude”, considerado em sentido não moralizado, ou seja, virtude como excelência, como expressão de nobreza. Enquanto virtude humana a *areté* é para os gregos antigos expressão da nobreza cavaleiresco, aliada à conduta cortês e ao heroísmo guerreiro. Mas, em Homero a *areté*, além da excelência humana, aparece relacionada a seres não humanos, como exemplo, um cavalo cujos atributos são expressão da própria nobreza ou excelência daquilo que se entende como característica de um cavalo (Jaeger, 2003, p. 25-26), o que reforça a ideia de *areté* como aquilo que é o mais nobre, elevado, excelente. Na poesia épica de Homero, o grande representante da cultura grega primitiva, já aparece a tendência de “avaliar tudo o que acontece pelas normas mais altas e a partir de premissas universais” (Jaeger, 2003, p. 77). Como afirma Platão (*República*, 606e), Homero é o educador de toda a Grécia: o espírito da *areté* de buscar a excelência em tudo vai influenciar decisivamente a constituição da *paideia* e sua busca pela formação de um ideal elevado de homem. A transformação de um conceito para outro possui relação com a transformação da sociedade grega. A *areté* expressa os valores cavaleirescos da sociedade aristocrática, já a *paideia* expressa valores relacionados à vida na *pólis*, à vivência política na democracia, ao desenvolvimento da filosofia, elementos os quais suscitam um novo projeto de humanidade que tem em Sócrates (469/470 – 399 a.C.)

sua figura icônica. Ou seja, desde Homero com a *areté* está presente a busca pela realização humana tendo em vista a excelência, o que permanece como herança na *paideia*, mas a compreensão do que é a excelência, a finalidade do processo educativo, é transformada.

É com os Sofistas, os primeiros professores profissionais, que a palavra *paideia* foi tomada como a mais alta *areté* humana e passa a englobar um conjunto de todas as exigências ideais, físicas e espirituais no sentido de uma formação espiritual consciente. (Jaeger, 2003, p. 335). Mas é com Sócrates que atinge seu significado mais alto, quando a alma humana é reconhecida como a essência do homem. No *Primeiro Alcibiades* (Platão, 129e) quando Sócrates pergunta o que é o homem, a resposta é: o homem é sua alma e esta se serve do corpo e o comanda. O que há de mais elevado, de divino, na alma do homem está relacionado à capacidade de conhecimento e reflexão, como mostra a pergunta de Sócrates a Alcibiades: “Haverá, porventura, na alma alguma parte mais divina do que a que se relaciona com o conhecimento e a reflexão?” (Platão, *Primeiro Alcibiades*, 133c). É a capacidade de reflexão da alma humana que possibilita o “Conhece-te a ti mesmo” (Platão, *Primeiro Alcibiades*, 124b), que por sua vez, implica em conhecer a própria alma, o que leva ao reconhecimento da própria ignorância, passo decisivo para pôr em marcha a busca pela verdade. Assim, a educação é posta como um processo de aperfeiçoamento o qual implica o voltar-se para si mesmo, num movimento de interioridade para buscar a verdade. A vida virtuosa para Sócrates está relacionada a esse cuidado com a alma para desenvolver a excelência das disposições espirituais. Como a essência do homem é sua alma racional, desenvolver a humanidade no homem é desenvolver as disposições relacionadas à inteligência e à capacidade de raciocínio. Sócrates, diferentemente dos Sofistas, não entende o ato educativo como uma técnica que possui utilidade para alcançar o poder, mas a entende como o desenvolvimento de disposições as quais levam à perfeição espiritual, para assim se chegar a virtude (*areté*) pela Verdade. (Marrou, 1990, p. 100). O ideal de buscar a verdade a partir de si mesmo leva a *paideia* a seu significado pleno, como “forma interior de vida”, “existência espiritual”, “cultura” (Jaeger, 2003, p. 572). Assim a educação não pode mais ser confundida com a transmissão de certos conhecimentos úteis, estes passam a ser considerados apenas como um meio ou fase do processo educativo, enquanto o fim está relacionado à formação tendo em vista a excelência daquilo que é propriamente humano no homem, sua alma racional.

Discípulo de Sócrates, Platão (428- 348 a.C.) edificou todo o seu sistema

educacional sobre a noção fundamental de verdade que é dada pela reflexão racional. Ele assume como herança a compreensão de *paideia* fundada por Sócrates de que o cultivo do homem virtuoso está relacionado com o cuidado da alma como forma de conhecer-se a si mesmo e dar início à jornada de busca pela verdade, que está no saber compreendido racionalmente (conhecimento). De acordo com Marrou (1990, p. 110-111), é a busca pela verdade que afasta Platão do espírito utilitário dos Sofistas. Seu ideal de educação tem como meta a formação ética para que impere a harmonia estabelecida pela alma e assim possa haver justiça na *pólis*. A educação é política, por isso a obra política magistral de Platão, *A República*, é antes de tudo uma obra sobre formação humana. Há em Platão uma correlação absoluta entre a estrutura interna do homem e do Estado, nessa conformidade um homem perfeito só pode ser formado em um Estado perfeito e vice-versa. (Jaeger, 2003, p. 837). O Estado, ao mesmo tempo, é o espelho da alma do homem e o “modelador de almas” (Jaeger, 2003, p. 751), por isso o estabelecimento do horizonte da justiça implica em que o Estado seja o império da racionalidade, a exemplo da alma humana, e também, através da educação insira o homem no universo da cultura da *pólis*, onde é possível justiça. Platão (*A República*, 338c) apresenta a justiça como um alto bem, contesta a ideia utilitarista segundo a qual ela seria o simples cumprimento da lei estabelecida pelos mais fortes, para relacioná-la com a *paideia*.

É em *A República* que Platão (514a-517a) ao falar dos efeitos da educação ou da falta dela, apresenta a Alegoria da Caverna como imagem de sua *paideia*. Nessa alegoria somos retratados como prisioneiros de uma realidade de sombras, cuja “libertação” está relacionada com a convergência do olhar na direção da luz que vem de fora da caverna e com a ascensão a essa região solar. O processo educativo possibilita sair da caverna, representa um processo de “ascensão da alma à região inteligível” (*A República*, 517b), que é o domínio do cognoscível, das ideias ou formas, realidades puramente conceituais. Mas esse processo de ascensão ao inteligível não é uma tarefa técnica, nas palavras de Platão (*A República*, 518b-c), educar não é “inserir conhecimento na alma que dele carece, como inserir visão em olhos cegos”. Como todos têm em si mesmo a capacidade de conhecer, não se trata de inserir conhecimento, mas direcionar o olhar, o que faz da educação uma arte que possibilita a conversão (convergir), para despertar aquilo que já está na alma. “Não é a arte de inserir a visão na alma. Tem-se como certo que a visão já está na alma; [...] trata-se da arte de rediregir a visão (Platão, *A República*, 518d). A conversão consiste em um giro da alma em direção à luz do conhecimento para que, através de um contínuo e longo processo

seja possível libertar o homem “dos pesos de chumbo” (Platão, *A República*, 519a) dos vícios ligados à realidade transitória (devir) do mundo sensível, e assim contemplar as coisas verdadeiras, o próprio Ser. Desse modo, a *paideia* platônica funda um conceito de cultura amplo que implica em processo que perdura a vida inteira, processo centrado na força educadora do saber pelo próprio saber, independente de qualquer utilidade. (Jaeger, 2003, p. 860).

A *paideia* atinge sua mais alta significação com Sócrates e Platão. Aristóteles (384 – 323 a.C.), no âmbito da educação, retoma, sistematiza e estabelece alguns desdobramentos do pensamento deles. Na *Política* (I, 1253a3) compreende que “o homem é por natureza um animal político”, isso estabelece a necessidade de que haja uma educação para todos, uma educação pública, pois o cuidado de cada um é necessário para o bem e a felicidade de todos, ou seja, o cuidado do todo implica no cuidado de cada uma de suas partes (Aristóteles, *Política*, VIII, 1337a30). Em razão disso, a educação possui uma missão ética e política, formar o homem virtuoso, cujas virtudes visem o bem e a felicidade da comunidade política. Para essa finalidade se realizar, a educação não deve se restringir ao útil e ao necessário, como os ofícios formadores de um bom artífice, mas se estender aos ensinamentos que tornem o educando bom cidadão e bom homem. O virtuoso está relacionado com aquilo que se eleva acima do útil e do necessário e, pode se desenvolver como algo livre “a ponto de se tornar como que ‘inútil’, ou seja, satisfatório apenas para o agrado e o encantamento, isto é, por puro prazer ou por pura beleza” (Spinelli, 2017, p. 135). Por isso a educação é uma atividade fundamentalmente desinteressada, jamais redutível a seus elementos utilitários, é a atividade do homem cuja existência não está esgotada pela sina do necessário e por isso pode dispor do tempo livre para cultivar a si mesmo e aperfeiçoar-se. Aristóteles vê no tempo livre a possibilidade do ser humano tomar a si como fim em si mesmo e viver a vida de modo nobre, uma vida boa e bela: “E o tempo livre aparece que tem em si mesmo prazer, felicidade e uma vida bem aventurada” (*Política*, VIII, 1338a1). A educação voltada para aqueles que têm tempo livre é a educação liberal e o conjunto de saberes que compõem esse currículo formativo são as artes liberais. Pitágoras foi o primeiro a propor a escolaridade como uma ocupação liberal, ou seja, não restrita à capacitação dos ofícios e voltada para o cultivo desinteressado do saber. Mas foi diretamente Aristóteles e indiretamente Platão que conotou de liberal, as artes ou disciplinas que compunham o ciclo de escolaridade básica, a *egkýklios paideia*. (Spinelli, 2017, p. 162). Tal evento estabelece como espinha dorsal da pedagogia clássica a formação tendo em vista uma cultura geral. Como diz Aristóteles (*Política*, VIII, 1338b15), “a educação

não deve ter seu cuidado voltado para um único fim”, a educação a partir de uma cultura geral é fundamental para a formação integral do humano. O tempo livre dá a possibilidade de despender a vida dedicada à cultura geral, atividade desinteressada a qual visa a formação humana de acordo com sua excelência, a realização no indivíduo de um ideal universal de humanidade.

Humanitas latina

Após o declínio político da Grécia, Roma se estabeleceu como a grande força do mundo antigo. Mas a submissão política da Grécia não representou o fim de seu legado cultural, conforme o bastante conhecido argumento de Horácio, a Grécia conquistada conquistou culturalmente seu vencedor. Essa influência grega sobre Roma se estendeu por vários séculos, mas o século II a.C. é decisivo pois é quando Roma se torna uma metrópole helênica, a cidade é invadida por inúmeros gregos vindos de todo mundo helênico a ensinar gramática, retórica, filosofia, ciências, artes, literatura, o que promove um choque de ideias e, nas palavras de Besselaar (1965, p. 267), faz Roma viver a “Bossa nova” do século II. Nesse contexto surge uma atitude de tentativa de síntese entre os dois mundos, que busca harmonizar o gênio grego com as virtudes romanas (Besselaar, 1965, p. 272). Tal atitude está presente em autores como Cícero, Virgílio, Horácio, Tito Lívio, e faz florescer a *humanitas* em sua significação plena no século I a.C.

Jaeger (2003, p 14) cita dois sentidos para a palavra *humanitas*, um sentido mais vulgar e primitivo, compreendido como humanitário e um segundo, estabelecido no tempo de Varrão e Cícero cujo significado é “educação do Homem de acordo com a verdadeira forma humana, com seu autêntico ser”, ou seja, esse último sentido equivale à *paideia*. Marrou (1990, p. 159) aponta Varrão e Cícero como tradutores da palavra grega *paideia* pela expressão latina *humanitas*. Jaeger e Marrou fundam suas considerações em Aulo Gélcio que, em *Noites Áticas* (XIII, 17), identifica dois significados para *humanitas*: *philanthropia*, como um sentido mais vulgar de *humanitas*, o qual remete ao humanitário, uma espécie de benevolência diante do caráter universal da natureza humana e, *paideia*, representando o sentido mais elevado, expressão do que ele compreendia como *humanitas*. Nesse último sentido, *humanitas* é “mais ou menos aquilo que os gregos chamam de *paideia* – dizemos, quanto a nós, instrução para as boas artes”. (*Noites Áticas*, XIII, 17). As boas artes das quais fala Aulo Gélcio, as artes liberais (*artes liberales*), são o equivalente latino para *egkýklios paideia*, que na época helenística compunham as artes,

organizadas em um sistema educacional, que possibilitam a aquisição de uma cultura superior capaz fazer de uma criança um homem desenvolvido em sua plenitude e integralidade. A *egkýklios paideia*, para os latinos artes liberais, é o conjunto de artes e ciências necessárias para a realização da *paideia*, para os latinos *humanitas*. O objetivo dessa formação operada pelas artes liberais não está relacionado à transmissão de conhecimentos técnicos ou possibilitar a especialização tendo em vista a execução de uma futura profissão, como afirma Besselaar “A *paideia*, como *humanitas*, tem em vista a formação do homem enquanto homem, não considerado em função de sua futura profissão especial”. (1965, p. 278) Afirma na sequência que essa formação pressupõe um estudo desinteressado, não utilitário, em que é fundamental certa curiosidade intelectual pelo mero prazer do saber. Esse interesse desinteressado era desconhecido pelos romanos antes do contato com a cultura grega. Roma tradicionalmente era marcada pelo espírito prático e empírico, desse modo, a *humanitas* que se elabora a partir da *paideia* grega, representou uma grande novidade para os romanos; com a filosofia, a poesia, a arte, a ciência, a retórica, eles descobrem o valor do ócio, abrindo-se para as possibilidades dos estudos e atividades culturais desinteressadas. Descobrem a possibilidade de uma vida que não se esgota naquilo que possui utilidade imediata para a família e a sociedade. “Encarada assim, a *humanitas* significa para os romanos a valorização positiva do *otium*, isto é, do lazer, bem como dos estudos desinteressados e das ocupações culturais não utilitárias” (Besselaar, 1965, p. 279). No entanto, cabe destacar: isso não representou o desaparecimento da raiz romana, propensa ao prático e utilitário, mas sua harmonização com os elementos mais abstratos, especulativos e desinteressados vindos da cultura grega.

A *humanitas* romana não foi um simples processo de transposição da *paideia* grega para Roma, há um processo de síntese cultural em que a originalidade romana é preservada, principalmente através da influência de elementos arcaicos de sua educação. Em sua origem a educação romana era voltada para uma aristocracia de camponeses, diferentemente da educação grega que exaltava a *areté* do herói, a primeira educação romana representava uma iniciação na vida tradicional de caráter agrário que valorizava a natureza, a agricultura, a religiosidade ligada a terra, o costume ancestral e um estilo de vida frugal (Cambi, 1999, p. 104). Essa educação arcaica se dava na família, “aos olhos romanos, família é o meio natural em que deve crescer e formar-se a criança” (Marrou, 1990, p. 361), cabia à mãe educar a criança até os sete anos, a partir daí, a tarefa passava para o pai, considerado o verdadeiro educador. O pai era o *pater familias*, e possuía poderes de vida

e de morte sobre os filhos, ele era seu dono e artífice. A missão educativa do pai era formar um cidadão para a pátria, o *civis romanus*, por isso, a educação arcaica representava um ideal moral “feito de sacrifício, de renúncia, de devotamento total da pessoa à comunidade, ao Estado” (Marrou, 1990, p. 365), portanto, a norma suprema da virtude é o interesse da pátria. O ideal moral dessa educação exaltava virtudes campesinas ligadas à vida prática, como amor ao trabalho árduo, a frugalidade, a austeridade, tendo em vista que isso atendia aos interesses da pátria. Essas características arcaicas conferem à educação romana caráter mais prático, mais cívico, mais familiar, mais religioso do que a educação grega. A herança dessa educação arcaica vai conferir a originalidade da *humanitas* em relação à *paideia*.

Segundo Cambi (1999, p. 105), a expansão de Roma permitiu a assimilação do mundo grego e subverteu a ordem social-educativa arcaica, permitindo à educação romana desenvolver também um elemento propriamente intelectual. Os romanos incorporam o ideal grego de formação pela cultura e radicam na sua educação a *paideia* principalmente de Platão, Isócrates e Aristóteles. O grande mediador entre as duas civilizações, promovedor da mais elevada e completa síntese entre elas, é Marco Túlio Cícero (106 – 43 a.C.). “A ele, de fato, devemos a versão latina da noção de *paideia* na de *humanitas*, que sublinha ulteriormente sua universalidade e seu caráter retórico-literário” (Cambi, 1999, p. 109). Ao tratar da educação, Cícero propõe um modelo de formação retórico-literária que se dá a partir da complementariedade dos estudos de retórica e filosofia, para realizar na figura ideal do orador “aquele modelo de *humanitas* que é o escopo da educação liberal, produto da cultura desinteressada e da participação na vida pública que se exprime pelo domínio da palavra” (Cambi, 1999, p. 109). Os romanos herdaram a tradição grega de edificar a alta cultura sobre a *egkýklios paideia*, ou artes liberais, segundo um programa que justapõe as artes literárias com as disciplinas matemáticas, no entanto, em Roma preponderou a formação literária, de tal maneira que o ensino secundário praticamente se limitava ao gramático (Marrou, 1990, p. 343). Dado o primado prático da cultura latina, as matemáticas, as ciências e a filosofia com caráter apenas especulativo, de erudição pura, não eram amplamente encorajados. Mas nem por isso a *humanitas* perde a característica de estudo desinteressado, uma vez que o primado prático não se refere a uma função técnica ou produtiva da educação, e sim, ética e política. Os romanos valiam-se do ócio para se dedicarem às artes liberais, com caráter de formação geral, tendo por objetivo o desenvolvimento de sua excelência enquanto homens livres. Vale lembrar, na Roma antiga o trabalho era reservado aos escravos, cabia aos cidadãos livres a arte da política, assim, as artes

liberais não estão subordinadas a um fim produtivo, mas buscam mobilizar uma formação humanista a qual leve à excelência do homem enquanto homem e cidadão. Ou seja, essa formação está desvinculada do interesse produtivo, mas vinculada a um interesse prático ético e político.

Esse vínculo entre formação humana e um interesse prático possui raízes na educação arcaica romana, mas ganha forma como *humanitas* em Cícero. Sua síntese cultural busca a unidade entre a teoria grega e a prática romana. O senso prático da cultura romana talvez também possa explicar o porquê de Cícero ter se aproximado do pensamento de Isócrates. Cícero herda de Isócrates a compreensão de que a *paideia* visa a potência do discurso, dado o fato de ser pelo raciocínio e pela arte da palavra que o homem se distingue dos animais. Na compreensão de humanidade isocrático-ciceroniana, o homem é apresentado como um ser que “sabe falar”. (Snell, 2012, p. 258 – 259). Mas, assim como Isócrates, Cícero busca superar a concepção de oratória desenvolvida pelos Sofistas, pois os últimos dão à retórica um caráter demasiado técnico e utilitário. Inspirado em Isócrates, a quem chama de mestre da eloquência (*De Oratore*, II, 10), busca alargar o ideal de orador ao conceber sua formação a partir de uma ampla cultura, com ênfase especial na necessidade de uma sólida preparação filosófica. (Marrou, 1990, p. 437). Entende que a arte da eloquência não basta a si mesma, portanto, para Cícero (*De Oratore*, II, 5) o orador precisa de uma sabedoria universal. Por isso, Cícero (*De Oratore*, III, 143) prefere chamar o orador, que é ao mesmo tempo filósofo, de orador douto. O orador douto é aquele que atinge a perfeição em toda espécie de discurso e em todos os domínios da cultura (*De Oratore*, I, 71), para que isso possa ocorrer, deve ser instruído em todas as artes liberais. A proposição da formação do orador ideal através do domínio de todas as artes liberais faz Cícero dar à *humanitas* o sentido de *paideia*, na medida em que está propondo a educação pela cultura, a formação do homem pela imersão numa cultura geral. Essa formação através de uma cultura geral possibilitada pelas artes liberais seguiria o mesmo modelo para todos, tendo em vista ser seu objetivo não a capacitação técnica, mas a formação integral comum a todos os cidadãos livres para que possam realizar com excelência aquilo que é próprio de um homem livre, as atividades políticas.

No final da antiguidade o cristianismo promove uma transformação cultural que representou uma ruptura parcial com a tradição greco-romana clássica através da consolidação do projeto formativo da *humanitas* cristã. O cristianismo adotou o sistema da educação clássica, desde seus primórdios a educação humanística era o pressuposto da formação cristã. (Marrou, 1990, p.

489-491). Mas seus fins foram alterados pois a *humanitas* cristã se constitui a partir de elementos da *paideia* grega e da *humanitas* romana, no entanto, faz uma apropriação utilitária, os utiliza como um meio enquanto elabora novos fins relacionados à santificação do homem através da imitação de Cristo. Mantém-se a compreensão de formação como realização do ideal de perfeição humana, processo pelo qual o homem se torna mais perfectivamente homem, no entanto, na *humanitas* cristã a busca pela perfectibilidade é entendida como uma peregrinação em direção da santificação, tendo Cristo como o ideal orientador. Sob esse prisma, tanto a educação greco-romana quanto a cristã buscam realizar um modelo de perfeição humana, a diferença está em: a primeira fundamentar-se em saberes literário-filosóficos; a segunda na Bíblia. (Pirateli, 2006, p. 19-20). O principal artífice doutrinário da *humanitas* cristã é Santo Agostinho (354 – 430), que se aproximou da filosofia através de Cícero e encontrou em Platão a base para elaboração de um neoplatonismo espiritual que busca conciliar fé e razão. Seguindo os moldes platônicos, entende a educação “como uma longa e exaustiva caminhada de purificação moral e exercitação intelectual” (Melo, 2010, p. 412). Mas o ideal de homem a ser atingido não é o mesmo de Platão, o ideal desse processo formativo é Cristo, sua *humanitas* é imitação de Cristo. Também, a educação como peregrinação em direção ao ideal divino é concebida como um processo de interiorização tendo em vista ser Deus a causa do conhecimento na alma do homem. Enfim, a *humanitas* cristã é herdeira da *paideia* grega e da *humanitas* romana, mas faz uma apropriação utilitária delas na medida em que as utiliza como meio e renega seus fins. Também, em certo aspecto, subverte o humanismo clássico, pois tira a centralidade do homem e a atribui a Deus. No âmbito do currículo educacional, representou a redução da importância das artes liberais, as quais passam a ter um papel auxiliar.

***Bildung* moderna**

Bildung é o principal conceito pedagógico da modernidade, sua elaboração reflete a importância da questão educacional na Alemanha do século XVIII e início do século XIX, de modo que seu desenvolvimento é multidisciplinar, com forte presença na filosofia e na literatura. É difícil traduzir o termo para língua portuguesa sem perder a riqueza de seu sentido original, as traduções mais comuns são formação, formação cultural e formação humana. Independente da tradução escolhida, não se pode esquecer que *Bildung* significa ao mesmo tempo formação, educação e cultura, (Nicolau, 2016, p. 388), ela designa o processo pedagógico de formação pela cultura que busca realizar um ideal

de perfectibilidade humana. Segundo Jaeger (2003, p. 13) “A palavra alemã *Bildung* (formação, configuração) é a que designa de modo mais intuitivo a essência da educação no sentido grego e platônico”. Jaeger refere-se ao vínculo de herança da *Bildung* em relação à *paideia*: ambas têm como finalidade a formação do homem enquanto homem em sua integralidade; ambas concebem esse processo de formação como configuração ou modelagem de acordo com uma ideia, imagem universal ou tipo normativo humano, o que é algo fundamentalmente artístico e não técnico; ambas entendem a formação do ser humano como algo que possui um fim em si mesmo, portanto, não é adestramento ou capacitação em função de fins utilitários.

“*Bildung* representa, portanto, uma concepção de formação a qual não pode ser obtida apenas por meio da instrução, mas um processo que exige independência, liberdade, autonomia e se efetua como um autodesenvolver-se.” (Marangon & Mühl, 2019, p. 68). Não é um fazer técnico, não é produção de sujeitos de acordo com uma fôrma, é um processo artístico através do qual o sujeito pode autodesenvolver-se, do mesmo modo que um artesão forja uma obra de arte o homem forja a si mesmo como a imagem de um homem perfectível tomando como guia o universalismo do humano. Gadamer (1999), seguindo Hegel, apresenta a *Bildung* enquanto formação para a elevação à universalidade; a realização da perfectibilidade humana no homem individual supõe tomar o universal como a imagem, a forma a partir da qual se molda a si mesmo. É um processo de formação de acordo com uma forma elevada de cultura (forma universal), que se realiza como um processo de desenvolvimento espiritual (intelectual, não técnico). “É da essência universal da formação humana tornar-se um ser espiritual, no sentido universal. Quem se entrega à particularidade é inculto”. (Gadamer, 1999, p. 51). A cultura superior supõe a capacidade de abstrair o particularismo em direção ao universal, essa abertura ao universal é também manter-se aberto aos pontos de vista outros, na medida em que os outros representam um ponto de vista mais universal do que o do indivíduo particular. Assim, do mesmo modo que a *paideia*, a *Bildung* culmina em um conceito universal de humanidade.

A *Bildung* é um ideal de autoformação, é educação enquanto formação integral do humano tendo como finalidade o desenvolvimento harmônico de todas as capacidades humanas. Mas seu sentido é polissêmico, adquire diferentes nuances ao longo de seu desenvolvimento. A origem da noção de *Bildung* remonta à mística cristã medieval (Gadamer, 1999, p. 48). Coube ao Renascimento atenuar seu sentido religioso e colocar o ser humano como centro, reconhecendo no homem uma força criadora capaz de formar a si mesmo e

recriar intelectualmente o mundo. É também por meio do Renascimento que elementos da *humanitas* latina tornam-se constitutivos da *Bildung*, conforme Bombassaro (2009, p. 198-199), o caráter universal da formação, a concepção de humano como portador de valor intrínseco, a autodeterminação do indivíduo, a tolerância diante de outros modos de crer, pensar e agir, fazem parte dessa herança. A guinada humanista iniciada no Renascimento vai culminar no Iluminismo com a afirmação de uma compreensão racionalizada de mundo e em um projeto formativo centrado na autonomia do sujeito. O ideário iluminista segundo o qual é tarefa da educação formar um homem livre e autônomo, serviu de referência para a constituição da *Bildung*. No entanto, o iluminismo possui dois momentos distintos, um utilitário e outro ligado ao humanismo. Num primeiro momento o iluminismo estava ancorado estritamente no desenvolvimento de uma racionalidade funcional e científica, vigora nesse momento a máxima do pensamento de Francis Bacon, segundo a qual o saber é um meio para conquistar poder sobre a natureza, de modo que “ciência e poder do homem coincidem” (Bacon, 2000, p.33). Num segundo momento há a elaboração de uma ideia de razão não restrita a sua esfera científica e instrumental, da qual decorre uma compreensão de formação à qual a *Bildung* está vinculada. O primeiro filósofo iluminista a perceber os limites da racionalidade exclusivamente científica foi o francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). O filósofo francês se contrapõe ao reducionismo cientificista, pois considera que a razão possui também uma função prática relacionada à moral. A liberdade moral torna o homem senhor de si mesmo e permite que haja uma República na qual impera a justiça, portanto, como supõe a capacidade de cada um dar a si a própria lei, a maioria do homem não é apenas uma questão de conhecimento sobre a realidade natural, mas principalmente um empreendimento moral, daí Immanuel Kant (1724-1804) tê-lo considerado o “Newton da moral”. Alinhada a essa compreensão ampliada de razão, Rousseau entende a educação como um processo de formação humana cujo fim é a formação do homem enquanto homem e não de um especialista em determinado saber técnico. “Ao sair de minhas mãos, concordo que não será nem magistrado, nem soldado, nem padre; será homem, em primeiro lugar; tudo o que um homem deve ser, ele será capaz de ser.” (Rousseau, 2014, p. 14-15). Ou seja, a educação é a formação do homem de modo a realizar perfectivamente suas potencialidades humanas. A capacidade humana por excelência é a perfectibilidade, capacidade de aperfeiçoar-se, é ela que permite o desenvolvimento de todas as demais capacidades humanas. Enfim, Rousseau é o grande precursor da *Bildung*: com seu *Emílio* é o iniciador do *Bildungsroman* (romance de formação) o qual tem Goethe como grande referência, promoveu uma “Revolução Copernicana”

em educação ao colocar a criança como o centro do processo pedagógico, afirmou a educação como formação integral do homem e não um amontoado de conhecimentos a serem transmitidos. Entretanto sua maior influência sobre a *Bildung* se deu através do impacto que sua contestação da racionalidade utilitarista do primeiro iluminismo teve no pensamento de Kant.

Immanuel Kant se alinha à Rousseau ao defender que o esclarecimento não é apenas uma questão de conhecimento, é principalmente uma questão do âmbito da prática. Apresenta o esclarecimento (*Aufklärung*) como a “saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado” (Kant, 2005, p. 61). Por menoridade entende “a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo.” (2005, p. 61). A saída da menoridade exige decisão e coragem para pensar por si mesmo, “*Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de seu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento” (2005, p. 61-62). O sujeito racional encontra em si tudo o que é preciso para abandonar a menoridade e trilhar o caminho da maioridade, isso só depende da decisão de pensar por si mesmo, ousar saber. Segundo Dalbosco (2011, p. 93) o *Sapere aude* (ousar saber) é o ponto alto da *Bildung* moderna, representa a decisão de assumir o dever de pensar por si mesmo e põe a autoformação como o caminho que leva à maioridade. Desse modo, a educação enquanto formação humana não deve se ater apenas ao conhecimento, tendo em vista que o esclarecimento está relacionado principalmente com o pensamento, o pensar por si mesmo. A estreita relação entre *Bildung* e pensar por si mesmo possui raízes na “Revolução Copernicana” de Kant através da qual realizou um giro epistemológico que, ao mesmo tempo, limita o conhecimento ao âmbito da realidade natural e funda uma concepção ampliada de razão que atribui a ela uma função prática, típica do âmbito do pensamento.

É possível ao ser humano pensar por si mesmo pois sua razão pode dar si a própria lei, em outras palavras, a razão pura também é prática e possui princípios formais que valem como imperativos e podem orientar a vontade. Todo sujeito racional pode orientar sua ação pela lei geral que a razão estabelece a si mesma (imperativo categórico), através de um exercício reflexivo que consiste em verificar se a máxima que orienta a ação individual pode ser ao mesmo tempo universalizada. Por isso, para Kant, a educação deve acostumar o homem a submeter-se aos preceitos da razão, para aprender a obedecer à lei geral em si, lei que, enquanto racional, ele dá a si mesmo. Kant entende o homem como participante do mundo sensível e inteligível, por isso a primeira parte da educação é negativa, através da disciplina busca conter a animalidade (caráter sensível), para que a humanidade possa se realizar

perfectivamente, prevalecendo o caráter inteligível do homem. Na obra *Sobre a Pedagogia*, Kant (2018, p. 9) apresenta a disciplina como parte negativa da educação que transforma a animalidade em humanidade, ou seja, preserva o homem para que seus impulsos animais não o desviem da destinação da humanidade, enquanto a instrução é a parte positiva.

Kant concebe a educação como um processo de aperfeiçoamento do homem tendo como finalidade a realização da ideia de humanidade, o que não é tarefa para um homem ou uma geração, mas para muitas gerações (Kant, 2018, p. 14). Também, entende esse processo de formação que visa a humanidade em sua destinação integral, como uma tarefa moral. A grande tarefa do homem é tornar-se melhor, cultiva-se, produzir em si a moralidade. (Kant, 2018, p. 14-15). A boa educação ensina o sujeito a obedecer à lei geral que a razão dá a si mesma. “A causa do mal é somente o não submeter a natureza a regras”(Kant, 2018, p. 17). Portanto, a grande tarefa moral da educação para Kant, é ensinar o sujeito a obedecer à lei geral em si, essa é a regra fundante do pensar por si mesmo e possibilita a autoformação que leva à maioridade. Na *Bildung* kantiana o ideal universal para a autoformação do sujeito é fornecido por ele mesmo, portanto, expressão de autonomia, na medida em que se desenvolve como um processo moral, no qual ele aprende a obedecer aos mandamentos universais da própria razão. A natureza racional é o que há no homem de tipicamente humano, só ela existe como fim em si mesmo, portanto, é a fonte da dignidade humana. Assim a pedagogia kantiana atribui ao homem a mais alta dignidade, sua primeira tarefa é formar o homem que deve ser tomado sempre como fim e nunca como meio, o que rechaça qualquer reducionismo utilitarista em educação.

A *Bildung* também é o tema pedagógico central do neo-humanismo alemão que congrega intelectuais como Humboldt (1767-1835), Friedrich Schiller (1759-1805) e Wolfgang Goethe (1749-1832). Para eles, *Bildung* “[...] aponta na direção de um ideal de homem integral, capaz de conciliar dentro de si sensibilidade e razão, de desenvolver a si próprio em plena liberdade interior e de organizar-se mediante uma viva relação com a cultura, como personalidade harmônica”. (Cambi, 1999, p. 420). Humboldt vislumbrava um sistema de ensino geral que se caracterizava pelo cultivo livre e desinteressado da ciência e do pensamento como condição para a formação intelectual e moral. Já Schiller e Goethe identificam na arte um comportamento universalmente humano capaz de conduzir à harmonia e ao equilíbrio cuja referência é a cultura clássica da antiguidade grega.

Na segunda metade do século XIX, Friedrich Nietzsche (1844-1900) desenvolve um conceito trágico de *Bildung*, radicaliza a autonomia em sentido estético, ela torna-se um ideal artístico de aperfeiçoamento da pessoa, não está mais relacionado com a obediência à lei universal, a qual o sujeito dá a si mesmo, mas com a capacidade de afirmação da vontade de poder. Seu pensamento põe sob suspeita o ideal de autoformação fundado no primado moral do sujeito racional e, ao mesmo tempo, elabora uma compreensão de autoformação em que o ser humano é entendido como o artífice que faz a si mesmo na concretude do plano trágico da imanência. Nietzsche preserva a ideia de *Bildung* como cultivo de si presente no neo-humanismo, mas esse cultivo não tem mais um sentido teleológico, não supõe mais a realização de uma ideia universal de humanidade. Assim, a *Bildung* passa a ter um sentido de abertura, o homem é algo que está sempre por se fazer, não há um ideal humano a ser realizado. Nietzsche rompe parcialmente com o entendimento de *Bildung* anterior a ele por não pensar a autoformação como elevação à universalidade, mas mesmo nele, a educação não se confunde com seus elementos utilitários, *Bildung* continua tendo o caráter de formação geral do humano, apenas muda a concepção do que é o humano, pois não toma a humanidade como algo intemporal e absoluto.

Considerações finais

A tradição literária filosófico-pedagógica ocidental nos legou três grandes sistemas teóricos sobre educação, a *paideia* grega, a *humanitas* latina e a *Bildung* alemã. É comum a eles o entendimento da educação ser processo de formação integral do ser humano, ou seja, fundamentalmente a educação deve ater-se a formação do homem enquanto homem, assim, não pode ser reduzida à capacitação ou instrução para certos conhecimentos úteis em sentido econômico. Compreendem como a grande finalidade da educação desenvolver o mais perfectivamente possível a humanidade no homem, sua meta é o humano tomado como fim em si mesmo. Os conhecimentos e habilidades necessários para a reprodução material da vida humana fazem parte da educação, mas não podem ser confundidos com ela, também, devem ser compreendidos como meios e nunca tomados como fins. O utilitarismo em educação ao reduzir o útil à esfera econômica, justamente inverte a relação entre fins e meios, fazendo do meio o fim, enquanto o fim, a humanidade, é instrumentalizada. A tradição filosófico-pedagógica, a qual nos referimos nesse artigo, traz como finalidade da educação a formação de um homem que é fim em si mesmo, portanto, pressupõe uma compreensão de utilidade

mais universal do que uma ideia de útil atrelada à esfera econômica. Por isso, o estudo e reflexão sobre a *paideia*, a *humanitas* e a *Bildung* são imprescindíveis no contexto contemporâneo como forma de alavancarmos um debate público tematizador das investidas do mercado sobre a educação para estreitá-la ao que é útil sob o ponto de vista econômico.

Referências

- Aristóteles (2019). *Política*. São Paulo: Edipro.
- Bacon, F. (2000). *Novum Organum. Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural.
- Besselaar, J. (1965). Humanitas Romana. *Revista de História da USP*. p, 265 – 286.
- Bombassaro, L. (2009). *Paideia e humanitas enquanto raízes do projeto formativo iluminista*. Sobre Filosofia e Educação: racionalidade, diversidade e formação pedagógica. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo.
- Cambi, F. (1999). *História da Pedagogia*. São Paulo: Editora UNESP.
- Cícero, M. (2009). *De oratore*. A invenção do Orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23, 2009. São Paulo: Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo.
- Dalbosco, C. (2011). *Kant & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Gadamer, H. (1999). *Verdade e Método: traços fundamentais de uma*

hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes.

Gélio, A. (2010). *Noites Áticas*. Londrina: Eduel.

Jaeger, W. (2003). *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes.

Kant, I. (2005). *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?* Textos Seletos. Petrópolis: Vozes.

Kant, I. (2018). *Sobre a Pedagogia*. Lisboa: Edições 70.

Lenoir, Y. (2016). O utilitarismo de assalto às ciências da educação. *Educar em Revista, Curitiba*, p. 159-168.

Marrou, H. (1990). *História da educação na antiguidade*. São Paulo: EPU.

Melo, J. (2010). Santo Agostinho e a educação como um fenômeno divino. *Revista Educação e Filosofia, Uberlândia*, p, 409-434.

Marangon, M, & Mühl, E. (2019). *Bildung em Goethe: a atualidade de um legado para a formação humana*. Formação humana (Bildung): despedida ou renascimento? São Paulo: Cortez.

Nicolau, M. (2016). Formação, educação e cultura: reflexões sobre o ideal de formação cultural [bildung] na elaboração do sistema educacional alemão. *Conjectura: Filosofia e Educação, Caxias do Sul*, p, 385-405.

Nussbaum, M. (2015). *Sem fins lucrativos: Por que a democracia precisa das humanidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

Ordine, N. (2016). *A utilidade do inútil: um manifesto*. Rio de Janeiro: Zahar.

Pirateli, M. (2006). *A humanitas em Santo Agostinho, ou como santificar o homem nas ruínas do Império Romano*. (Dissertação). Maringá: Universidade Estadual de Maringá.

Platão. (2015). *Primeiro Alcibíades*. Belém: Ed.ufpa.

Platão. (2019). *A República*. São Paulo: Edipro.

Rousseau, J. (2014). *Emílio ou da Educação*. São Paulo: Martins Fontes.

Severino, A. (2006). A busca do sentido na formação humana: Tarefa da filosofia da educação. *Educação e Pesquisa*, p, 619 - 634.

Snell, B. (2012). *A cultura grega e a origem do pensamento europeu*. São Paulo: Perspectiva.

Spinelli, M. (2017). *Ética e política: a edificação do ethos cívico da paideia grega*. São Paulo: Edições Loyola.